

IRVING M. BUNIM

A ÉTICA DO SINAI

ENSINAMENTOS DOS SÁBIOS DO TALMUD

פרקי אבות

**Tradução
Dagoberto Mensch**

**Edição
David Gorodovits e Jairo Fridlin**



Índice

Sobre o autor	7
Prefácio do editor norte-americano.....	8
Tributo a Irving Bunim	9
A palavra do adaptador da obra	10
Prefácio dos editores brasileiros	11
Introdução	15
Mishná Introdutória	23
Mishná Conclusiva	29
Capítulo 1	35
Capítulo 2	101
Capítulo 3	171
Capítulo 4	261
Capítulo 5	399
Capítulo 6	555
Biografias	661
Notas	687
Posfácio	719

Sobre o autor



Irving M. Bunim nasceu em 1901, em Volozhin, na Lituânia, uma cidade famosa em todo o mundo judaico pela excelência de sua *ieshivá* – o Seminário Rabínico Ets Chayím.

Quando imigrou com a família para os Estados Unidos, aos 9 anos de idade, Bunim trouxe consigo as palavras de seu mestre, o chefe da *ieshivá* de Volozhin, que lhe ordenou "construir a Torá na América".

Foi exatamente o que fez. Ainda muito jovem, teve o discernimento necessário para perceber quão fácil seria aos jovens judeus das primeiras levas migratórias se deixarem assimilar por uma rica cultura emergente como a cultura norte-americana dos anos 20. Sua resposta foi criar um movimento ortodoxo destinado a trazer esses jovens de volta para casa, de volta ao judaísmo. Assim nasceu a Sinagoga Young Israel, sede de um abrangente trabalho religioso e social que começou no Lower East Side novaiorquino.

Um dos traços mais marcantes da personalidade e da conduta de Irving M. Bunim foi sua generosidade. Viveu de acordo com os princípios mais elevados de *tsedacá*, o mandamento judaico de ajudar ao próximo. Mas a tônica de sua *tsedacá* sempre foi, comprovadamente, a bondade – *chéssed*, em hebraico –, um ingrediente sem o qual o ato de estender a mão a quem precisa perde grande parte de seu sentido.

Durante a perseguição nazista aos judeus da Europa, Irvin M. Bunim não mediu esforços para salvar o maior número possível de vidas. Organizou, ao lado do ilustre Rabino Aharon Kotler, um comitê de resgate que efetivamente conseguiu ampliar as cotas de imigração abertas aos judeus pelos Estados Unidos, livrando da morte dezenas de milhares de pessoas. Foi um incansável propagador dos horrores que estavam sendo cometidos por Hitler numa época em que governos de todo o mundo livre, inclusive o dos Estados Unidos, preferiam fechar os olhos às atrocidades.

Da mente e, sobretudo, do coração deste grande homem nasceram as ideias, percepções e ensinamentos que você, caro leitor, está prestes a conhecer.

לעלוי נשמת המחבר

מר יצחק מאיר בן ר' משה ואסתר מינה ז"ל

במליאת ארבעים שנה לפטירתו

ת.נ.צ.ב.ה.

Introdução

Pirkê Avót significa, literalmente, “Capítulos de *Avót*”. E o que significa *Avót*? Trata-se de uma seção, de um tratado do grande compêndio da lei e do saber judaicos, a *Mishná*.

Para o leitor que não esteja totalmente familiarizado com a *Mishná*, talvez seja melhor começar com uma descrição introdutória deste clássico milenar da literatura rabínica.

É crença fundamental do judaísmo histórico que a Torá nos foi dada no Sinai. O imortal Moisés recebeu-a do Todo-Poderoso, ensinou-nos a sua mensagem e entregou-a a nós, o seu povo. A Torá era constituída por duas partes: a primeira delas, o Pentateuco – ou os Cinco Livros de Moisés –, que chamamos de *Torá shebichtav* – a Torá Escrita. A segunda parte era a *Torá shebeal pê*, a Torá Oral, que continha explicações, interpretações e ensinamentos da Torá Escrita. A *Torá shebeal pê* não deveria ser escrita; era ensinada oralmente, como um complemento da Torá Escrita.¹

Moisés ensinou o sagrado livro da Torá, acompanhado de suas interpretações, a seu discípulo Josué. Este então ensinou-a aos anciãos, e eles, por sua vez, ensinaram-na a outros. Tudo o que era transmitido oralmente deveria ser repetido e repassado muitas vezes, assegurando-se assim que nada seria esquecido. Esta prática recebeu o nome de *Mishná*, palavra que significa um conjunto de ensinamentos e instruções

A *Mishná* tornou-se nossa Tradição Oral, transmitida pelos mestres aos alunos de geração em geração. Desde o início era proibido compilar por escrito² qualquer parte desta Tradição Oral, por dois motivos. Primeiro, para que mestres e alunos se empenhassem a fundo, sempre por muitas horas, de modo a assegurar que tudo fosse perfeitamente lembrado e minuciosamente compreendido. Há uma descrição do que supostamente ocorre em algumas salas de aula nas universidades, que diz que “os apontamentos (escritos) do professor tornam-se os apontamentos (escritos) dos alunos, sem passar pelas mentes de nenhum deles”. Com a Tradição Oral isto não podia ocorrer, pois não havia apontamentos escritos. Eles somente existiam na mente, na memória, no entendimento dos sábios e dos eruditos.

Em segundo lugar, temia-se que, se a Torá Oral viesse a ser transcrita, as pessoas passariam a pensar nela como parte integrante da *Torá shebichtav* e começariam a tratá-la como tal. Isto produziria uma grave distorção, já que ambas são de natureza e caráter completamente diferentes, e desta maneira devem ser encaradas dentro das normas do judaísmo.

Há cerca de mil e setecentos anos, porém, o Rabi Iehudá Hanassí (“o Príncipe”, presidente do *Bêit Din*, o Grande Tribunal e, portanto, chefe de seu povo) deu-se conta de que sob as condições turbulentas de sua época, não era mais possível para professores e alunos estudar e memorizar adequadamente essa grande Tradição Oral. Pelo bem ou pelo mal, como se diz, ela deveria ser transcrita antes que fosse completamente esquecida. Várias gerações mais tarde, o Rabi Iochanan e Resh Lakish vieram a possuir até mesmo um volume escrito de *Agadot*, com ensinamentos e exposições homiléticas que costumavam estudar aos sábados. Como justificativa, citavam um versículo das Escrituras Sagradas³ que apoiava sua prática, e afirmavam a necessidade de se ter a Tradição Oral por escrito “em vez de permitir que a Torá fosse esquecida pelo povo de Israel”.⁴ Para eles, a *Torá shebeal pê* havia se tornado o próprio alicerce da Torá Escrita.⁵

Como dissemos, o Rabi Iehudá Hanassí foi o primeiro (mas de modo algum o último) a violar deliberadamente a proibição da transcrição da Tradição Oral, de modo que “esta Torá não fosse esquecida por seu povo”. Sua obra original chamou-se *Mishná*, e é estudada até os nossos dias. As gerações posteriores discutiram a *Mishná*, e seus próprios comentários e interpretações deram origem à *Guemará*. Ambas as obras – a *Mishná* e a *Guemará* – formam o Talmud.

Já nas Escrituras, a palavra *Mishná* tem um significado diferente: *mishnê lamélech*⁶ – “o segundo em comando” – é aquele que vem logo abaixo do rei, um tipo de vice-rei que serve como ajudante. A partir desta acepção, a Torá Escrita seria a “primeira”, a principal herança Divina, e a *Mishná*, a “segunda em comando”, aquela que acompanha a “primeira” para servi-la através dos comentários e explicações que contém

A *Mishná* está dividida em seis seções ou ordens.⁷ A quarta seção, *Nezikim*, embora trate principalmente de danos e compensações, procedimentos judiciais e direito penal, inclui também *Avót*, um tratado sobre valores éticos e conduta moral. Vale a pena nos perguntarmos por quê.

Um dos sábios do Talmud diz: “Aquele que deseja tornar-se um *chassid* piedoso e benevolente, que observe as leis de *Nezikim*”, assegurando-se assim em não prejudicar a outros ou deixando de efetuar um pagamento devido. Mas outro sábio vai mais longe: “Aquele que deseja tornar-se um *chassid* piedoso e benevolente, que observe os ensinamentos de *Avót*.”⁸ Isto significa que cuidar para não prejudicar a outros ou ressarcir danos causados não é suficiente. Para ser um *chassid*, bondoso aos olhos de Deus e dos outros seres humanos, deve-se conhecer e seguir as sábias instruções e orientações contidas em *Avót*, um tratado pequeno em tamanho e vasto em seu conteúdo de percepções e ensinamentos.

Explica-se assim a inclusão de *Avót* em *Nezikim*: depois de aprendida a prática referente às questões de perdas e danos, a dedicação às suas lições traria o próximo estágio de crescimento e desenvolvimento do caráter através da Torá.



O nome *Avót* significa, literalmente, “pais”, e pode parecer intrigante por que este termo dá nome ao tratado. O Rei Salomão disse: “Escuta, meu filho, a instrução (*mussár*) de teu pai.”⁹ No curso de nossa história, a palavra *mussár* teve várias conotações, mas deriva basicamente da mesma raiz da palavra *messorá*, que significa “tradição” ou ensinamentos transmitidos de mente para mente, de coração a coração. Escutar o *mussár* do “pai” implica aceitar os ensinamentos mais tradicionais transmitidos pelos nossos sábios de abençoada memória, ensinamentos que passam de geração em geração desde o Sinai. Este seria o significado do termo *Avót*.

Na linguagem da *Mishná*, porém, o plural *Avót* e o singular *Av* têm frequentemente significados distintos. Em termos como *av melachá*¹⁰ (o trabalho principal), *av hatumá*¹¹ (fonte original direta de impureza ritual), *avót nezikín*¹² (principais tipos danos) e *binian av*¹³ (o estabelecimento de uma classe ou norma principal), a palavra *av* denota a fonte primeira, aquela da qual derivam as classificações e leis secundárias. Neste sentido, o título *Avót* informa que esta pequena obra contém os princípios fundamentais da ética, aqueles que norteiam nossa vida diária, princípios dos quais podemos inferir muitas coisas. Este conjunto de ensinamentos – talvez a própria essência do judaísmo – realmente forme a base de nossa conduta e é “pai” de uma série de diferentes códigos éticos e filosofias.

Ao mesmo tempo, é muito provável que *Avót* denote os “pais” do judaísmo – iluminados como Hilel e Shamai, Rabi Akiva e Rabi Tarfon, entre outros –, cerca de sessenta sábios no total, cuja sabedoria e os ensinamentos são apresentados ao longo dos capítulos deste trabalho.¹⁴ Estes sábios seriam nossos “pais”, nossos patriarcas rabínicos na moral e na ética, assim como Abraão, Isaac e Jacob são nossos *Avót* na Bíblia.

Na época dos *gueoním*^{14a} tornou-se costume nas academias da Babilônia recitar e estudar um capítulo de *Avót* aos sábados à tarde, após o serviço de *Minchá*, como ressalta o Rabi Amram *Gaón* (século IX da era comum – e.c.) no seu *sidur*. Os *gueonim* conheciam uma tradição segundo a qual Moisés havia passado para seu descanso eterno num *Shabat* à tarde, nesse horário.¹⁵ Por esta razão, eles, os *gueonim*, incluíram os três versículos de *Tsidcatechá Tsédec* – “Tua retidão é uma retidão eterna...” – como uma oração de justificativa e aceitação da morte de Moisés.¹⁶ E tornou-se um costume acompanhar o serviço de *Minchá* com um capítulo de *Avót* para lembrá-lo, já que começa com o seu nome: “Moisés recebeu a Torá...”¹⁷ O Rabi Paltoi *Gaón* (século IX e.c.) deu outro motivo: O Talmud ensina que “quando um sábio morre, todas as casas de estudo e culto de sua cidade devem cessar suas atividades”.¹⁸ Isto sugere que, em lembrança ao falecimento de Moisés, seria adequado não se dedicar a um estudo intensivo e concentrado do Talmud, mas sim, aprender e rever *Avót*, mais fácil por natureza.¹⁹

Das academias da Babilônia, o costume se difundiu para as comunidades judaicas de *Ashkenaz* – a França e a Alemanha de mais de 900 anos atrás –, e verificamos que é mencionado pelo Rabi Abraham ben Natan de Lunel (ibn Iarchi; século XII e.c.) em seu *Sefer Hamán’hig*.²⁰ No *Col Bo*, uma obra anônima do século XIV, podemos ler que o costume variava entre as diversas comunidades: algumas estudavam o *Pirkê Avót* apenas no período entre as festas de *Pêssach* e *Shavuót*; em outras, os capítulos eram abordados em períodos diferentes ou, então, durante o ano todo.²¹ No *Sidur Avodát Yisrael*, por exemplo, publicado em Redelheim, em 1868, o autor, dr. Seligmann Baer, enumera nada menos do que três costumes diferentes praticados em comunidades alemãs.

Na *Mishná* propriamente dita, os capítulos de *Avót* são apenas cinco. Mas, uma vez que são seis os sábados entre *Pêssach* e *Shavuót*, aparentemente por esta razão foi acrescentado um sexto capítulo, ainda na época dos *gueonim*, quando o Rav Amram *Gaón* falou de “*Avót* e *Kinian Torá*”. Este capítulo adicional, *Kinian Torá* – literalmente, “aquisição da Torá” – é uma *beraitá*, material muito semelhante a uma parte da *Mishná* não incluída originalmente na compilação feita pelo Rabi Iehudá Hanassi.

Desde tempos imemoriais, é costume nas comunidades judaicas da Europa Oriental recitar e estudar *Avót* desde o *Shabat* posterior a *Pêssach* até aquele anterior a *Rosh Hashaná*, perfazendo um total de quinze sábados. Em cada um dos doze primeiros, estuda-se um capítulo; em cada um dos últimos três, estuda-se dois capítulos. Como a palavra hebraica para capítulo é *pérec*, “capítulos” seriam *perakim*, e “capítulos de” seriam *Pirkê*. Assim, a obra passou a se chamar *Pirkê Avót* ou simplesmente *Pérec*.



Não é acidente nem coincidência que a época observada para este estudo seja, originalmente, aquela entre *Pêssach* e *Shavuót*. Em *Pêssach* celebramos a nossa libertação da escravidão no Egito, e partimos rumo à santidade, rumo à Torá. Não estávamos prontos, porém, para receber a Torá de imediato. Somente semanas mais tarde, já ao pé do Monte Sinai, é que pudemos recebê-la, e nós celebramos isto em *Shavuót*. Na linguagem simbólica dos sábios, em *Pêssach* assumimos o compromisso de

“nos casarmos com a Torá”; em *Shavuót*, este “casamento” espiritual acontece por meio de um pacto eterno e irrevogável, da aliança com o Todo-Poderoso e Sua Torá. Como se sabe, o tempo de noivado, de compromisso, serve, na vida real, para que os noivos conheçam melhor um ao outro, preparando-se para a vida em comum. O mesmo acontece entre *Pêssach* e *Shavuót*. À medida que “contamos os dias”, observando a *Sefirát Haômer* e esperando receber novamente a Torá do Sinai, nos preparamos através do estudo de *Avót*. É ele que nos dará uma ideia da grandeza, da maravilha e da profundidade da Torá, esta “noiva” espiritual única que vamos receber. A importância de *Avót* é tão grande que, sabe-se, a seguinte observação partiu de um erudito não judeu: “Para se conhecer os ideais da ética e da devoção rabínicas, nenhuma outra fonte facilmente acessível pode se equiparar a *Avót*.”²²

Eu também acredito que não seja mera coincidência iniciarmos o estudo de *Pérek* na primavera,²³ quando a natureza renova o grande ciclo da vida. É na primavera que as forças cálidas, vitais à regeneração, começam a se agitar e a fluir. Também o homem sente dentro de si o despertar de poderosos impulsos instintivos. Por isso é tão importante que ele ouça exatamente nesta época do ano as palavras dos nossos *chachamim* (“sábios”). São elas que o ensinarão a superar a tentação e a paixão, desenvolvendo sua força de vontade e controlando suas ações. O *Pirkê Avót* oferece *mussár*, a instrução que nasce da Torá e nos mostra como lidar com as vigorosas manifestações que chegam com a primavera.

Ainda assim, podemos nos perguntar se precisamos realmente desta instrução especial. Temos o *Shulchan Arúch*, um elaborado código de leis que define o bem e o mal, o justo e o injusto, em todas as circunstâncias práticas. E a própria passagem da *Mishná* que recitamos antes de cada capítulo de *Avót* proclama: “Todo o (povo de) Israel tem uma porção no mundo vindouro.” Por que devemos, então, ter este *mussár* especial, este ensinamento corretivo?

A resposta é que o *Shulchan Arúch* – o código de leis sobre o certo e o errado – não é suficiente. A nossa meta não é simplesmente observar a Lei, embora isto seja importante e fundamental. O objetivo final da Torá é transformar o espírito humano e o caráter de cada um de nós em algo belo e Divino. David, o salmista, suplicou ao Todo-Poderoso: “Guarda minha alma, pois sou um *chassid*.”²⁴ No sentido clássico, *chassid* é o termo que define uma pessoa de profunda bondade e devoção. Mencionamos anteriormente a receita de um sábio: “Aquele que deseja tornar-se um *chassid*, que observe as leis de *Nezikín*”, as leis que tratam de perdas e danos.²⁵ Em outras palavras, deve-se aprender da Torá como evitar causar prejuízos e como pagar adequadamente o mal que se possa fazer. Mas, para outro dos nossos sábios, isto não é suficiente. Seu conselho para se chegar a ser um *chassid* é “... que observe os ensinamentos de *Avót*”.²⁵ O conhecimento e a observância estrita da Lei não é tudo. O verdadeiro *chassid* é aquele cuja profunda devoção o eleva acima do sentido estrito da Lei. Se ele tiver a mínima dúvida de que possa estar enganado ou de que sua queixa potencial é duvidosa, preferirá dar a seu companheiro o benefício da dúvida a fazer uso de seus direitos legais. O verdadeiro *chassid* é aquele que superou sua natureza aquisitiva e olha mais além para enxergar o espírito da Lei.

Se você deseja atingir este nível de caridade e devoção e, assim, tornar-se um *chassid*, os ensinamentos de *Avót* lhe são essenciais.



Muito bem. Os comentários anteriores explicam por que temos o *Pirkê Avót*. Mas, por que tantas ideias, interpretações e explicações são geradas pelo *Avót*? Não bastaria uma boa leitura do texto, seja em hebraico, seja numa boa tradução? Esta leitura não seria suficiente para a compreensão e a inspiração?

A resposta é sim, mas apenas em parte. Na visão profética de Jeremias, o Todo-Poderoso compara Sua palavra com “um martelo que despedaça a rocha”,²⁶ e o Talmud comenta: “Tal qual a rocha que se parte em muitos fragmentos sob o golpe do martelo, assim cada palavra do Santíssimo – bendito seja! – foi dividida em setenta expressões”²⁷ – uma multiplicidade de significados e interpretações.²⁸ Assim como a rocha se despedaça sob o golpe do martelo, diz novamente o Talmud, “um versículo das Escrituras Sagradas pode admitir muitos significados”.²⁹ Portanto, o *Midrash* diz, simplesmente, que “A Torá tem setenta aspectos”.³⁰

A linguagem da Torá, tanto sob a forma escrita quanto sob a forma oral, é multifacetada e tem profundidades e níveis de significado insuspeitos. Se você tomar o “sentido literal”, tomando-a apenas superficialmente, não verá o esplendor e a glória que oculta.

Em nossa literatura antiga de exegese e mística, toma-se a palavra PaRDeS para indicar quatro abordagens da Torá, quatro formas de explorar e extrair seus tesouros de significado. Com as quatro letras da palavra PaRDeS começam as palavras *Peshat*, *Rémez*, *Derash* e *Sod*, respectivamente. *Peshat*, o primeiro, seria o sentido literal, puro e simples do texto. Com *Rémez*, seguimos a estrutura sintática e gramatical de um versículo, levando em conta que certas palavras possuem um significado simbólico ou metafórico. O *Derash* simplesmente omite a estrutura sintática de um versículo, e até mesmo ignora seu contexto, percorrendo a Torá em busca de significados apontados pela alusão e associação. Finalmente, temos o *Sod*, a leitura mais íntima e profunda de um texto, geralmente seguindo a concepção mística da Cabalá e atingindo um grau de profundidade do significado que vai muito além dos anteriores.

Não é por coincidência que PaRDeS – a palavra formada pelas iniciais das quatro palavras citadas no parágrafo acima – signifique, literalmente, horta ou jardim. Esta tradução simboliza a exuberante riqueza de pensamento e inspiração que pode surgir dos textos sagrados, se soubermos como cultivá-los e como colher os frutos mais difíceis de alcançar.

Podemos dizer que também não foge ao normal a suposição de que um texto tenha diferentes níveis de leitura e aspectos distintos quanto ao seu significado. Considere uma simples tonelada de carvão, por exemplo. Para uma pessoa comum, ela significa exatamente isto – 1000 quilos de combustível negro. Este tipo de compreensão seria *Peshat*. Para uma pessoa com inclinação religiosa, o carvão poderia representar uma expressão da Providência Divina: ao criar Seu mundo, o Todo-Poderoso dispôs que uma substância se formasse durante um grande lapso de tempo, de modo que os seres humanos pudessem ter calor e uma fonte de energia. Esta é a abordagem de *Rémez*.

Uma terceira pessoa, mais dotada, poderia descobrir certas propriedades químicas no carvão que possibilitariam convertê-lo em gás, substância mais fácil de armazenar em tanques e transportar para locais distantes, onde ele se faz necessário. Esta mesma pessoa pode ainda aprofundar-se nas pesquisas e aprender como converter o carvão em nylon, um produto com inúmeras utilidades na vida prática. Agora, pare e pense na imensa distância que separa um punhado de carvão de um metro de fibra sintética! Não obstante, pode-se demonstrar que um leva ao outro. Esta abordagem é análoga ao *Derash*.

Finalmente, surge um físico que se dedica a estudar a estrutura atômica do carvão. Ao provocar a fissão nuclear, ele libera uma parte da tremenda energia potencial contida no mineral. Este fenômeno é comparável ao *Sod*. Aos olhos de uma pessoa comum, o poder da fissão nuclear parece absolutamente misterioso, além de sua compreensão. Apenas um grande cientista com um vasto conhecimento técnico e pleno domínio dos mais sofisticados instrumentos pode extrair a energia latente da substância. Analogamente, só os grandes eruditos, aqueles iniciados na sabedoria da Ca-

balá, podem inferir os surpreendentes significados ocultos que se encontram latentes e insuspeitos nas palavras da Torá.

É por meio da linguagem que procuramos compartilhar ideias e pensamentos. Mas as palavras e as orações são somente sinais e símbolos dos pensamentos. Os conteúdos abstratos e fugazes que ocupam nossas mentes são intangíveis, pois não podem ser tocados, capturados ou retidos. Ao usar palavras, fazemos uma tentativa inadequada de transmitir nossas noções, intenções e percepções. Mas sempre há algum matiz de significado, algum resquício inefável que não pode ser traduzido em palavras para alcançar, assim, a mente do outro.

Isto pode ser melhor assimilado se imaginarmos a verdade como um poliedro, a figura geométrica de várias faces. O observador jamais consegue ver todas as faces do poliedro ao mesmo tempo, não importa a posição que tome. É preciso que ele se desloque e se coloque em várias posições para conseguir enxergar todas as faces da figura – ou da verdade.

Por esta razão, pela multiplicidade inerente ao conteúdo, torna-se tão inadequada a leitura simples de um texto referente à Torá. O mesmo acontece com uma tradução literal desse texto. Para tentar chegar às alturas, precisamos sondar as profundezas do pensamento dos nossos eruditos e mestres. Seus ensinamentos, brindados pela luz da Divindade, nos trazem a versão oral da Torá em seus inúmeros níveis de significado.

Todas as afirmações no *Pirkê Avót* têm uma infinidade de explicações e conotações distintas. Em seus comentários, gerações posteriores de eruditos encontraram ricas nuances de significado em cada expressão. Para compreendermos e apreciarmos a riqueza espiritual e o tesouro que constitui *Avót*, devemos buscar os diferentes aspectos de significado em cada uma de suas passagens.

Este é precisamente o objetivo do trabalho que você tem nas mãos. Nele, cada passagem do *Pirkê Avót* é interpretada e explicada demoradamente de diversas maneiras, para que a compreensão se dê da forma mais completa possível.



Vivemos numa época em que o *mussár*, o ensinamento ético, é considerado ultrapassado; uma época em que o castigo, a advertência e a crítica moral construtiva são considerados de mau gosto, onde o autoquestionamento e a busca do aperfeiçoamento religioso são vistos como ofensivos. Nos vemos aceitando passivamente um princípio basicamente anglo-saxônico: “Cuide de seus próprios assuntos” ou “se vir alguém fazendo algo errado, não interfira; isto não lhe diz respeito”.

Nada poderia ser mais contrário à abordagem judaica. “Todos os judeus são responsáveis uns pelos outros.” Esta é a nossa regra fundamental e primeira, enunciada e repetida no Talmud e no *Midrash*.³¹ Na visão eterna e infinita da Torá, o povo judeu é uma unidade orgânica. Todas as suas partes, divisões e integrantes são responsáveis uns pelos outros. O que afeta a um judeu, afeta a todos. Rejeitamos o cinismo impiedoso e cruel de Caim, que pergunta: “Acaso sou eu o guardião de meu irmão?”³²

Se nosso propósito fundamental na travessia da vida é buscar desenvolvimento e crescimento pessoal através da ética e da moral, é vital que possamos aprender – e ensinar – *mussár*. Somente assim chegaremos a alcançar, ao lado dos nossos irmãos judeus, o aperfeiçoamento de nossa espiritualidade. É obrigação de cada um apontar a um vizinho um possível erro de conduta, ajudando-o a evitar o pecado e suas trágicas consequências.

Nas Escrituras Sagradas lemos: “Quando encontrares o boi de teu inimigo ou seu asno, perdido, devolvê-lo-ás.”³³ Mesmo que o proprietário deste animal seja seu inimigo, é obrigatório, segundo a Lei, que você o resgate e o devolva. “*Hashev teshivênu lo*”, diz a Torá, literalmente repetindo o verbo: “devolver devolvê-lo-ás para ele”. Segundo os sábios do Talmud e do *Midrash*, isto significa que mesmo que o animal continue escapando, mesmo que isto aconteça quatro, cinco vezes, você deve sempre devolvê-lo ao dono, ainda que este mantenha com você uma relação de inimizade.

Vamos supor que, em vez do animal de propriedade de um inimigo, você encontrasse perdido algo ainda mais valioso, desta vez pertencente a um amigo. Certamente, não mediria esforços para devolver o bem ao seu dono. E se fosse o próprio amigo aquele a se perder pelos caminhos sinuosos da vida? Quão maior não deveria ser sua preocupação, sua profunda obrigação, de fazê-lo voltar à trilha correta?

Nossos profetas nos lembram que temos a obrigação de vestir aquele que está nu.³⁵ Considerando que somos todos filhos de um mesmo Pai e que, na condição de seres humanos, possuímos a mesma dignidade inata, pois fomos criados à Sua imagem, temos esta obrigação para com qualquer membro da família humana que seja demasiado pobre para vestir-se por seus próprios meios.

Pelo mesmo princípio, se encontrarmos alguém desprovido de direção e de fundamentos religiosos, alguém empobrecido, despojado de uma percepção superior, não temos a obrigação de “vesti-lo” com nossas *mitsvót*? Quando sua alma se encontrar em julgamento, diante do Criador, ele estará despido de realizações espirituais – a menos que lhe ofereçamos ajuda e orientação agora. Nós certamente compartilharemos de sua culpa, se não o ajudarmos a adquirir as preciosas vestimentas do espírito, confeccionadas com os fios das boas ações e da fé inabalável.

Devemos nos desfazer da fria indiferença que nasce do egoísmo e da insensibilidade. Vamos adotar, em seu lugar, a conduta judaica de responsabilidade para com o nosso próximo e de profunda preocupação em relação ao nosso povo. Desta forma, retornaremos ao *mussár*, a sabedoria e ciência moral que devemos aprender e ensinar.



Ao publicar este trabalho, não procurei ser original. Procurei, sim, apresentar o *mussár* que recebi dos meus guias e mentores, as “boas palavras” que me imbuíram de um forte reconhecimento e apreciação da nossa herança espiritual.

Fui muito afortunado por aprender o *mussár* em toda a sua pureza com os mais inspirados e iluminados mestres, rabinos e autoridades da nossa época. Tive ainda o privilégio de transmitir esta “boa doutrina” em conferências anuais sobre o *Pirkê Avót* durante os últimos quarenta anos.

O presente trabalho está sendo publicado com base nestas conferências, na esperança de transmitir este *mussár* – esta “boa doutrina” – a um número cada vez maior e mais receptivo de leitores. Se ele servir para transmitir alguns dos nossos princípios e valores mais caros, as verdades da ética e da moral que temos acalentado e valorizado como tesouros desde o Sinai, ficarei agradecido à Providência misericordiosa pelo *zechut*, o privilégio, que me foi conferido.

Agradecimentos

Agradeço do fundo do coração ao *Ribono shel Olam* por me permitir finalizar este comentário sobre o *Pirkê Avót* – תושלב"ע – *Tam venishlam shévach leel borê olam*. Se, pela graça do Céu, fui bem-sucedido em aproximar o leitor um pouco mais das palavras cheias de luz e calor dos nossos sábios, sinto-me plenamente recompensado pelos meus esforços.

Que seja a vontade do Céu que minhas palavras encontrem o leitor sob graça – principalmente os jovens leitores judeus –, para que sejam inspirados a se aprofundar no aprendizado da Torá, do Talmud e de todos os textos sagrados que os acompanham.

Para finalizar, tenho o prazer de agradecer às seguintes pessoas:

À minha querida esposa Blanche – באוהל תבורך – מנשים, que cedeu seu tempo e sua companhia para que eu pudesse aprender, ensinar e escrever este comentário.

Aos meus queridos filhos Amos – שליט"א –, Chana e Judy – תחיינה –, que me deram inspiração para escrever este comentário. Seu encorajamento, apoio, fé e lealdade me ajudaram a prosseguir muito mais do que eles possam imaginar.

Ao Rabino Aharon Kotler – זצוק"ל –, meu guia inspirador, meu mentor e meu professor, cujo amor pela Torá, amor ao Céu e amor ao ser humano deram-me o *zechut* para tentar, ainda que de maneira limitada, seguir seu modo de ser.

Aos meus professores e rabinos da Rabbi Jacob Joseph School, em particular ao Rabino Hirsch Green – זצוק"ל –, com quem tive o privilégio de estudar por muitos anos.

Ao Rabino David S. Stern – שליט"א –, meu mestre e amigo por quase meio século.

Ao Rabino Joseph B. Soloveitchic – שליט"א; ao Lubavitcher Rebe – שליט"א; ao Rabino Dr. Joseph Breuer – שליט"א; ao Rabino Schnier Kotler – שליט"א, e aos extraordinários eruditos e mestres cuja aceitação favorável e honrosa dos primeiros capítulos desta obra produziu em mim a coragem e o entusiasmo para prosseguir e concluir este comentário.

Gostaria de agradecer ainda ao Young Israel de Boro Park e ao National Council of Young Israel, por me concederem a oportunidade de ensinar o *Pirkê Avót* por quase meio século nos *shabatot* e, particularmente, nas convenções anuais – ומתלמידי יותר מכולם.

Aos meus caros amigos e editores David Hausdorff, Rabino Shubert Spero e Rabino Charles Wengrov, que refinaram o texto e aperfeiçoaram imensamente o conteúdo deste volume.

Ao Dr. Philipp Feldheim, o editor que me incentivou a reduzir o número das minhas aulas por escrito; ao Sr. Irving Hunger, que com muito zelo leu atentamente este comentário, e a Shulsinger Brothers, que não poupou tempo nem esforços para a concretização deste projeto.

Que todos sejam abençoados.

Irving M. Bunim

MISHNÁ INTRODUTÓRIA

Todo Israel tem uma porção no mundo vindouro, conforme está escrito: “E teu povo será todo de justos; eles herdarão a terra para sempre; (eles são) ramo de Minha plantação, a obra de Minhas mãos, para glorificar-Me”.¹

כָּל יִשְׂרָאֵל יֵשׁ לָהֶם חֵלֶק לְעוֹלָם
הַבָּא, שְׁנֵאֲמַר: וְעַמּוֹךְ כָּלָם
צְדִיקִים, לְעוֹלָם יִרְשׁוּ אֶרֶץ, נֶצֶךְ
מִטְעֵי מַעֲשֵׂה יָדַי לְהַתְפַּאֵר.

Nos meses entre *Pêssach* e *Rosh Hashaná*, quando se recita um capítulo do *Pirkê Avót* a cada *Shabat* (dois capítulos, mais para o final), esta passagem da *Mishná* (parte do tratado *San'hedrin* 10,1) é utilizada sempre como prefácio. Talvez tenha o intuito de servir de estímulo para o principiante que se dedica a este estudo pela primeira vez. Alguns dos ensinamentos serão, talvez, excessivamente profundos para ele; outros apresentarão exigências difíceis e severas. A pessoa de pouca erudição ouvirá palavras estranhas e afirmações impressionantes. Perplexo a princípio, poderia se afastar, com um sentimento de insuficiência, convencido de que não pode pertencer ao mundo do estudo da Torá e merecer suas grandes recompensas. Como consequência, esta *Mishná* começa com uma expressão de encorajamento: “Todo Israel tem uma porção no mundo vindouro”; este pertence a todos. Existe uma via de comunicação direta entre o judeu e seu Criador. Que ele, em sua condição de principiante, venha de mente aberta e coração sincero para descobrir que a comunicação se produzirá, e ele será colocado a bordo numa jornada às verdades eternas que asseguram a vida no mundo vindouro.

Em outras religiões, a pessoa precisa de intermediários, clérigos, e deve percorrer os canais eclesiásticos apropriados para atingir o Todo-Poderoso e merecer Sua ajuda. O judeu, porém, não necessita de intermediários e não está limitado ao trânsito pelos canais aprovados. Ele vai à sinagoga ou reza em casa, e sua prece sincera atinge diretamente o Céu. Ele é o filho e o Eterno é o seu pai. Será necessário que um filho marque hora para conversar com seu próprio pai e, ainda assim, apenas num lugar específico e formal?

É verdade que temos nossos rabinos, mas eles são, em primeiro lugar, professores e guias da Lei e da vida judaicas. Em nenhum sentido pode um rabino ser considerado um intermediário entre o povo e seu Pai celestial. Não há nenhuma atividade religiosa, mesmo as que normalmente são realizadas por um rabino, que não possa, segundo a lei judaica, ser efetuada também por um leigo com instrução.

Existe um relato popular segundo o qual na noite de *Iom Kipur*, em que se recita o *Col Nidré*, um jovem pastor entrou na sinagoga do Rabi Israel Salanter,² onde, como era de se esperar, encontrou toda a congregação imersa em fervente oração. O jovem olhou ao seu redor, sentiu-se envergonhado e também infeliz, pois desconhecia completamente as orações ou o ritual hebraico. Mesmo assim, ele se sentiu impelido a orar. Então murmurou: “Amado Eterno, tudo que sei é o alfabeto hebraico, nada mais. Eu o recitarei muitas vezes e Você tomará as letras e formará com elas as palavras das orações que eu deveria elevar a Você nesta noite.” E começou, com toda seriedade, a recitar o alfa-

beto hebraico: *álef, bêt, guímel* etc. Alguns dos presentes perceberam e sorriram com ironia, o que desagradou ao rabino, que respondeu: “Tomara que todas as orações sejam aceitas pelo Todo-Poderoso como serão, tenho certeza, as deste pastor. Isto é tudo que ele sabe e o está recitando de todo seu coração e de toda a sua alma. O Eterno conhece o coração de cada ser humano e certamente a achará aceitável.”

“Todo Israel tem uma porção no mundo vindouro”

Nos capítulos do tratado *San’hedrin* que precedem esta passagem, a *Mishná* estabelece as leis da pena capital. (Embora a execução por crimes capitais esteja prevista nas Escrituras Sagradas e o Talmud analise detalhadamente as leis de tal execução, na prática raramente eram proferidas sentenças de morte. De fato, um *bêt din*, tribunal rabínico, que mandou executar uma única pessoa em setenta anos, foi considerado um “tribunal assassino”.³ Os sábios invocavam muitos argumentos e consideravam todas as circunstâncias atenuantes para salvar a vida da pessoa que devia enfrentar a sentença de morte.)

Depois de lidar com as leis da pena capital, a *Mishná* nos conta que “Todo Israel tem uma porção no mundo vindouro”. A implicação é que, mesmo aqueles executados pelo tribunal, continuarão vivendo no mundo que virá.

Mas logo depois desta mesma passagem, que serve como introdução aos capítulos de *Avót*, essa *Mishná* enumera algumas exceções, e uma delas é a pessoa que não crê que a Torá nos ensina que os mortos serão ressuscitados, e a outra é o ateu declarado que nega a existência do Todo-Poderoso.

Surge então uma pergunta intrigante: Por que a tradição judaica é tão generosa e indulgente com aqueles que merecem a pena de morte e tão rigorosa e inflexível com o ateu e a pessoa que nega algum princípio da Torá?

A resposta é que, segundo o ponto de vista aguçado do judaísmo, o homem que peca, comprometendo-se com falsas crenças, é pior do que aquele que comete um ato físico incorreto. No seio de uma sociedade, o dano físico que uma pessoa possa causar é limitado. Ela pode cometer alguns roubos, assaltos e assassinatos. Contudo, o veneno moral e intelectual pode difundir-se pelo mundo inteiro e ainda infiltrar-se em várias gerações posteriores. Por exemplo, o livreto intitulado “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, uma falsificação antisemita baseada numa fantasia francesa que supostamente demonstraria a existência de uma conspiração judaica para dominar o mundo. As falsidades diabólicas contidas neste livro nos causaram mais danos do que muitos atos físicos.⁴ No caso de alguém que injeta veneno intelectual, ou seja, um falso pensamento que se difunda amplamente – por exemplo, a “firme convicção” de que, conforme a Torá, os mortos não são devolvidos à vida no mundo vindouro ou talvez a “prova absoluta” de que não existe um Criador Todo-Poderoso –, o judaísmo o considera com tal repulsa que não lhe concede participação alguma no mundo vindouro. Afinal, com suas premissas e ensinamentos corruptores, ele destrói a capacidade dos outros de ascender à vida no mais além. Portanto, merece um castigo equivalente ao seu pecado.

No nosso texto hebraico, o termo usado não é *BAolam habá* (“no mundo vindouro”), e sim, *LAolam habá* (“em direção ao mundo vindouro”). De modo semelhante, quando uma pessoa sai de viagem, não lhe desejamos *lech BEshalom* (“vá em paz”), e sim, *lech LEshalom* (“vá em direção à paz”).⁵ Há um motivo para isto. Enquanto uma pessoa está viva, ela ainda não alcançou a paz; só pode trabalhar continuamente com vistas a conseguir este estado bendito; pode esforçar-se pela

paz e aspirar a ela. Igualmente, ninguém pode dizer que já assegurou o *olam habá*, a vida no mundo vindouro. Devemos esforçar-nos constantemente e trabalhar para merecê-lo. E mesmo se uma pessoa chegasse a estar segura de que a partir de um dado momento alcançou o *olam habá*, pode perdê-lo no dia seguinte. Recordemos o caso trágico de Iochanan, o *cohen gadol* (sumo sacerdote): durante quarenta anos ele desempenhou este cargo no Templo Sagrado e, no final, converteu-se em saduceu.⁶ Nas palavras do poeta, “A esperança brota eternamente no peito humano; o homem, mesmo quando ainda não é, espera sempre ser bendito”;⁷ o homem deve esforçar-se constantemente para obter seu lugar no mundo vindouro e alcançar aquilo a que aspira.

Não é mencionado o grau de participação que cada judeu tem no mundo vindouro. Mas não é preciso estar no ramo imobiliário para saber que as porções de terra diferem quanto às dimensões. Uma pessoa pode ter um lote medindo seis por trinta metros; outro pode ter um lote de trinta por trinta. Além disto, um terreno pode ser adquirido de diversas formas: pode ser comprado, recebido como presente ou mesmo herdado como propriedade de família. No mundo vindouro, porém, a medida do seu lote dependerá somente do que você tenha sido capaz de criar com suas próprias ações no decorrer de sua vida. Somente você é responsável pelo seu futuro. Ninguém pode prepará-lo em seu lugar. Para melhor ou para pior, sua parte no mundo vindouro dependerá, afinal, do seu crescimento religioso e moral, e de suas realizações a este respeito.

Mas poderíamos então nos perguntar: Que atos ou virtudes específicas e em que quantidade precisamos deles para merecer uma parte do mundo vindouro? A resposta só é conhecida pelo Todo-Poderoso. A salvação para o judeu não é algo que ele possa ganhar de modo automático, realizando mecanicamente uma quantidade determinada de ações. Pode requerer qualquer quantidade de combinações de atos apropriados efetuados com as devidas atitudes e intenções. O Maimônides ensina que uma pessoa pode ganhar seu lugar no mundo vindouro se realizar somente uma *mitsvá* no momento preciso, com compreensão e motivação profundas, complementadas por determinados atos de sacrifício. Daí o ensinamento: “Há aqueles que ganham seu mundo num instante.”⁸ Inversamente, um homem pode perder sua parte no mundo que virá devido a um momento ou ato infortunado.

Mais ainda, o judaísmo ensina que as exigências para ter parte no mundo vindouro não são as mesmas para todos os povos. A nossa Torá não ensina que a salvação ou a imortalidade sejam só para o judeu. Também neste caso, a regra é relativa. Os nossos sábios ensinam (e o Rambam reitera) que as pessoas piedosas e retas das demais nações participarão igualmente no mundo que virá!⁹ Os múltiplos preceitos da Torá são obrigatórios somente para os nascidos judeus ou os que voluntariamente escolhem compartilhar o destino de Israel por meio da conversão. Os não judeus só estão obrigados a obedecer às sete leis de *Nôach* (Noé), que proíbem a idolatria, o assassinato e o roubo e ordenam uma moralidade básica.¹⁰ Em suma, o não judeu que viver conforme suas obrigações como ser humano subordinado a Deus terá sua parte no mundo vindouro.

Vamos dar uma olhada no versículo que esta *Mishná* cita como texto comprobatório: “E teu povo será todo de justos...” Isto é geralmente interpretado como significando que cada membro do povo judeu é ou acabará se tornando um *tsadic* (justo). Mas também pode ser entendido assim: “Teu povo é coletivamente justo.” Teu povo, proclama Isaías, é justo como uma entidade orgânica. Não estamos considerando cada indivíduo *per se*, mas vemos Israel como um todo, como uma comunidade única. É bastante irônico que nós, os judeus, temos tido bastante experiência em sermos julgados como um conjunto. Conhecemos muito bem a expressão “alguns dos meus melhores amigos são judeus”. A palavra “alguns” é bem eloquente, e geralmente é seguida pela palavra “mas”, como por exemplo em:

“Cohen é um bom sujeito, Goldstein é uma pessoa maravilhosa. Mas eles são exceções. Os judeus, em conjunto, não são bons.” Nós, por outro lado, sustentamos a tese contrária: Israel, como entidade, como conjunto, é um povo maravilhoso: “Teu povo é coletivamente justo.” Obviamente, um senhor Cohen pode não estar, como indivíduo, neste nível; um senhor Goldstein pode ser indigno; mas o povo judeu, em conjunto, é bom. E todo judeu, bom ou mau, tem participação no mundo vindouro, mas isto depende de seus méritos.

“(eles são) ramo de Minha plantação”

A palavra usada aqui para “Minha plantação”, *mataái*, é muito interessante. Ela deriva da raiz *natá*, o ato de plantar árvores. Contudo, quando se plantam verduras, o verbo usado é *zará*, o substantivo é *zeriá*. Estas palavras refletem a diferença fundamental sobre a forma de crescimento de árvores e legumes. Quando você planta batatas, por exemplo, a batata-mãe deve apodrecer antes que nasçam as novas. Ao semear trigo, a semente deve deteriorar-se antes que se produza trigo novo. A morte do velho deve preceder o advento do novo. Mas o que ocorre no caso da árvore de frutas? A fruta nova só é viável quando a árvore está viva e saudável. Quando você corta fora as raízes, destrói-se a possibilidade de produzir frutos novos.

A sabedoria judaica é “árvore de vida para os que nela se apegam”.¹¹ A escolha deste símbolo é um fato extremamente significativo, pois assinala o tipo especial de relação que deve prevalecer entre as gerações do judaísmo. Quando os jovens turcos quiseram construir seu país, romperam com a velha forma de vida, com a velha orientação. O mesmo ocorreu, e ocorre, em outros casos de renascimento nacional. Os velhos líderes e governantes são executados, encarcerados ou banidos; os modos, costumes e valores antigos são criticados e rejeitados. Quando reconstruímos nossa nação em Israel, não o podemos fazer sobre uma nova base, desprezando a anterior. Tornar-se “canaanita” significaria um terrível retrocesso a uma falência moral e espiritual. O novo Israel precisa do Israel antigo. A continuidade da Torá e das tradições do judaísmo é vital para que a jovem geração ocupe seu lugar no solo histórico de Israel e seja criativamente judaica. Se rejeitarmos estas tradições, abandonaremos nossa reivindicação pela Terra de Israel; mas se retornarmos à nossa terra identificados com a tradição e com a Torá, então seremos parte de uma árvore antiga mas ainda florescente, contendo um vasto entrelaçamento de raízes, uma árvore que está viva e ainda produz frutos.

Existe outro matiz de significado nas palavras *nétser mataái* (“ramo de Minha plantação”). Em toda a Torá, a palavra *tumá* se refere ao estado de impureza ritual que surge, originalmente, do contato com os mortos. O termo oposto é *tahará*, que significa “pureza”, um estado ritualmente puro. Por exemplo, para que uma maçã se converta em *tamê* – ritualmente impura – são necessárias duas coisas: que em algum momento seja umedecida e que tenha contato com uma fonte de profanação. Mas isto é verdade somente para uma fruta solta, destacada da árvore. Contudo, se a maçã ainda estiver ligada à árvore, apesar de seu umedecimento e contato com a *tumá*, ela permanece invariavelmente *tahor* – ritualmente pura. Ela é imune à *tumá* porque está ligada à sua fonte.

“E teu povo será todo de justos... ramo de Minha plantação.” Enquanto estiver ligado a esta entidade, ao histórico povo de Israel, e fizer parte integrante da plantação, da antiga árvore do judaísmo, você não absorverá as impurezas do mundo que o rodeia. Mesmo que você tenha se desviado um tanto da religiosidade judaica e deixado de observar plenamente alguns dos mandamentos, mas tiver mantido seu vínculo com a entidade coletiva do judaísmo e continuado enraizado em sua herança, você pode escapar à corrupção do ambiente. Seu vínculo o torna imune.

Aprendemos na *Mishná* que se o ramo de uma figueira tiver sido parcialmente quebrado mas ainda estiver conectado a seu tronco por nada mais do que o córtex, seus figos ainda serão *tahor*, ritualmente impolutos, enquanto a ligação com o córtex permitir à “seiva vivente” fluir através do mesmo.¹² Esta lei também simboliza uma verdade na vida judaica. Na história do nosso povo, se alguém manteve a mais tênue ligação, o menor ponto de contato com o judaísmo, isto tem sido o suficiente para permitir que a “seiva vivente”, a luz vital e estimulante da Torá, penetre e, no final, conduza-o – ou a seus filhos – a retornar total e entusiasticamente ao judaísmo.

A última parte do versículo citado diz: “a obra de Minhas mãos, para glorificar-Me.” Há muitas espécies de árvores frutíferas no mundo e cada uma origina diferentes produtos. Sua contribuição é exclusiva. O mesmo ocorre com a humanidade. Assim como as árvores frutíferas, o ser humano é obra do Todo-Poderoso, e cada um faz uma contribuição exclusiva para que Ele seja glorificado. A Grécia contribuiu para o mundo com a arte e a filosofia; Roma ilustrou a organização militar e o uso do poder; mas o judaísmo deu ao mundo o monoteísmo, o conceito de um Deus que exige retidão e justiça. A tarefa histórica do judeu e seu modo de ser frutífero e benéfico é viver sua tradição judaica, e assim demonstrar à humanidade a glória e a verdade da Torá e seus ensinamentos. O judeu de hoje pode ganhar a sua vida como médico ou advogado, carpinteiro ou homem de negócios. Mas a sua verdadeira vocação, sua missão principal na vida, é perceber que ele é obra do Criador e, como tal, deve glorificá-Lo em seus pensamentos, palavras e atos.

Abrahão, o judeu peregrino, percorre o mundo falando a todos sobre o Todo-Poderoso. Através de seu comportamento e modo de vida, Abrahão projeta glória sobre seu Criador. Isto também é o dever de todo judeu. Não importa qual seja a sua ocupação, ele deve agir e conduzir seus afazeres de modo que aqueles à nossa volta exclaimem: “Grande é o Deus que inspira tal ação!”

Este é, na realidade, o significado do conceito de “povo escolhido”. Não se trata de uma noção repugnante de superioridade, arrogância, privilégios, funções espirituais especiais, autoelogio ou de rejeição do não judeu nem de qualquer outra forma de preconceito ou racismo. Trata-se, isto sim, da compreensão de que o Todo-Poderoso nos deu um fardo mais pesado para carregar.

O Eterno nos santificou e aproximou-nos Dele com um propósito particular que envolve obrigações especiais e uma tremenda responsabilidade. Percebemos as diretrizes e contornos deste propósito Divino no fato histórico de que sempre fomos os portadores da Torá; os eventos de nossa existência nacional constituíram a matéria-prima das Escrituras. Desde tempos imemoriais, nosso interesse nacional tem sido com a religião; para nosso propósito existencial e nossa sobrevivência, sempre temos procurado conhecer a resposta à pergunta: “O que pede o Eterno, teu Deus, de ti?”¹³ Somos, de fato, ramo de Sua plantação, pela qual Ele será sempre glorificado.

Contudo, a palavra “glorificado” é inadequada. Em que sentido pode o Criador e Senhor do Universo ser glorificado por um ser humano mortal? Ao julgarmos atributos humanos, podemos comparar uns aos outros e conferir glória a carreiras e realizações que se distingam. Pelo menos temos uma base para avaliação. Mas em que sentido podemos atingir qualquer compreensão de qualquer dos atributos do Todo-Poderoso? Ele está completamente além do alcance da nossa compreensão e além de semelhanças e comparações. Ele é Um, o Único, o *ên sof*, eterno e infinito, o máximo da perfeição!

Mas talvez possamos considerar o assunto à luz do seguinte: Quando vamos a uma galeria de arte e vemos uma tela de Rembrandt, podemos observar: “Isto faz justiça a Rembrandt! É verdadeiramente digno dele.” Mas isto, de modo algum, representa uma avaliação definitiva dos talentos de

Rembrandt, nem implica uma compreensão plena de seu gênio. Só queremos dizer que, em nossa apreciação intuitiva, a beleza que ele criou é digna do gênio artístico pelo qual Rembrandt é conhecido. De modo semelhante, quando o judeu transforma sua própria vida humana em algo sagrado ao estudar e obedecer a Torá, a Divindade e a verdade que resplandecem como resultado disso testemunham a glória do nome do Todo-Poderoso. Não podemos glorificar o Criador no sentido absoluto; podemos meramente refletir um pouco da Sua glória através das nossas vidas. “O povo que criei para Mim, para que possa louvar-Me.”¹⁴